

ON THE TOWN / 1949

Um Dia em Nova Iorque

um filme de **Stanley Donen e Gene Kelly**

Realização: Stanley Donen e Gene Kelly / Argumento: Adolph Green e Betty Comden baseado no “musical” homónimo da sua autoria, inspirado no ballet “Fancy Free” de Jerome Robbins / Fotografia: Harold Rosson / Música: Leonard Bernstein e Roger Edens / Canções: “I Feel Like I’m Not Out of Bed Yet”, “New York, New York”, “Miss Turnstiles Ballet”, “Come Up to My Place”, “A Day in New York Ballet”, com música de Leonard Bernstein e letras de Betty Comden e Adolph Green; “Prehistoric Man”, “Main Street”, “You’re Awful”, “On the Town”, “Count of Me”, com música de Roger Edens e letras de Betty Comden e Adolph Green / Ballet: Leonard Bernstein (“A Day in New York”) / Coreografia: Gene Kelly / Direcção Artística: Cedric Gibbons e Jack Martin Smith / Décors: Edwin B. Willis e Jack D. Moore / Guarda-Roupa: Helen Rose / Interpretação: Gene Kelly (Gabey), Frank Sinatra (Chip), Vera-Ellen (Ivy Smith), Betty Garrett (Brunhilde Esterhazy), Ann Miller (Clair Huddesen), Jules Munshin (Ozzie), Florence Bates (Mme Dilyovska), Alice Pearce (Lucy Shmeeler), George Meaden (o professor), etc.

Produção: Arthur Freed e Roger Edens para a Metro-Goldwyn-Mayer / Cópia: 35mm, technicolor, legendada em castelhano e eletronicamente em português, 96 minutos / Estreia Mundial: 5 de dezembro de 1949 / Estreia em Portugal: S. Jorge, a 27 de fevereiro de 1951 / Reposição Comercial: julho de 1979.

O filme de hoje marca, na opinião unânime dos críticos, uma data na história do “musical” americano. Embora o género tenha aparecido com o sonoro e atingido os mais altos níveis nos anos 40, **On the Town** é, dentro dele, uma revolução, a ponto de ser possível, para os historiadores, falarem de um “musical” antes de **On the Town** e doutro “musical” após ele.

Antes de examinar em que consistiu essa “revolução”, alguns dados sobre as origens do filme.

Em 1944, Betty Comden e Adolph Green escreveram, inspirados num ballet anterior de Jerome Robbins (“Fancy Free”), uma peça musical intitulada “On the Town”, com música de Bernstein e mais uma vez coreografada por Robbins. O êxito foi enorme. Arthur Freed, o produtor dos melhores musicais da Metro, decidiu adquirir os direitos da transposição para o cinema e, como não gostava da música de Leonard Bernstein, reteve apenas três canções (perdendo, por exemplo, “Lonely Town” e “Lucky to Be Me”) e encarregou o seu inseparável colaborador Roger Edens de pensar em toda uma nova série de canções, a escrever por Comden e Green. Mas Edens tinha muitas dúvidas sobre o realizador e sobre a recriação em estúdio dum musical tão intimista, com os costumados *chorus line* e efeitos técnicos. E o projecto foi ficando na gaveta.

Foi então que Freed se lembrou de Gene Kelly, que, desde 42, era não só um dos bailarinos mais populares de Hollywood, mas um dos seus melhores coreógrafos e lhe propôs passar à realização, adaptando a famosa peça. Kelly propôs a associação com Stanley Donen, coreógrafo de um dos maiores êxitos da Metro no género (**Anchors Aweigh** de George Sidney de 1945). Ambos tinham também trabalhado juntos em **Take Me Out to the Ball Game** de Busby Berkeley.

Pensando na proposta de Freed, Kelly e Donen conceberam então o projecto de rodar o filme não em estúdio (como até aí sempre se fizera nos filmes musicais) mas em *décor* real, isto é nas ruas de Nova Iorque, onde a acção da peça se situava. Em múltiplas declarações posteriores, tanto um como outro declararam que não tiveram consciência da inovação que tal aposta pressupunha: “*Nunca nos dissemos ‘agora vamos fazer uma coisa que nunca ninguém fez’. Pensámos apenas que era desse modo que era preciso tratar, que era preciso conceber a comédia musical. Era assim que a sentíamos*”.

Não foi sem dificuldade que os dois novatos na realização convenceram a Metro a patrocinar tal empreendimento. A aposta final parece ter cabido a Freed, contra o parecer do próprio Mayer que temia um malogro completo. E, para levarem a sua avante, Kelly e Donen não contaram tudo: falaram apenas de introduzir alguns exteriores

novaiorquinos e assim os deixaram seguir para essa cidade. Dissimulando a câmara, os autores filmaram quase tudo em tempo “record” (cerca de 8 semanas). Quando o filme estreou, o sucesso foi colossal, tornando **On the Town** um dos mais lendários “musicais” de todos os tempos.

A inovação básica de **On the Town** não consiste, como por vezes se diz, em pôr actores a cantar e dançar na rua (Lubitsch e Mamoulian, entre outros, já o haviam feito) mas em aproveitar um *décor* real (e tão fabuloso como Nova Iorque e os seus arranha-céus) para o fazer funcionar “cenicamente” e como espaço coreográfico. É neste sentido que a sequência inicial (e final, pois que é repetida) de **On the Town**, com a canção do operário de capacete encarnado e a explosão do “New York, New York” introduz imediatamente um tom que efectivamente marca uma ruptura com o passado. Porque se a situação é teatral e convencional (podia ser perfeitamente concebível em estúdio) o aproveitamento do *décor* real confere-lhe imediatamente um peso específico que depois vai acompanhar o surpreendente passeio dos três marinheiros pelas ruas de Nova Iorque, com uma mobilidade de câmara e uma invenção filmica incríveis (vejam-se os fabulosos *travellings* sobre os arranha-céus).

Acresce que no número de “A Day in New York”, Gene Kelly substituiu Sinatra, Jules Munshin, Betty Garrett e Ann Miller por bailarinos profissionais, entre os quais Carol Harley e Alex Romero, numa dobragem nunca antes feita em cinema e que só viria a ser repetida em **Oklahoma!** em 1955.

Mas a inovação não se limita a isto. Toda a *mise-en-scène* obedece a um propósito estritamente coreográfico, ou melhor dito, a dança torna-se neste filme *mise-en-scène*. A expressão *film dance* aplicada por Gene Kelly a **On the Town** (e depois prosseguida noutras obras célebres do duo) tem todo o cabimento: *découpage*, montagem, diálogos, incorporam-se no ritmo da música e da dança, servindo efeitos que jamais o cinema havia experimentado com tanta desenvoltura (pense-se por exemplo na dança de Miss Metro (“Miss Turnstiles”), ou na inesquecível sequência do Empire State Building).

Por outro lado, a construção de **On the Town** obedece ao princípio de não separar o que é propriamente musical ou dançado do desenvolvimento da narrativa. Praticamente, em todos os musicais anteriores, a intriga é um mero pretexto para os “números” ou, mesmo quando o não é, separa-se nitidamente deles. Em **On the Town**, pelo contrário, a acção progride num só movimento não sendo separável qualquer “pausa” da permanente dança que o filme é. Exemplo flagrante é outra sequência famosa – a do Museu – onde os melhores achados do diálogo (*Dr. Kinsey*, “*the way of all flesh*”, etc.) estão “no mesmo tom” da canção *My Prehistoric Man* e da série permanente de bailados, desde o do batuque até ao que se centra no colapso do dinossauro.

Tudo, neste filme, (canções, danças, diálogos), é conjuntamente cómico, espectacular, musical ou narrativo, sem que as funções se repartam, antes todas se integrando pelo poder rodopiante de uma câmara, cuja dança é igual à dos protagonistas.

Como em momentos particularmente altos (o sonho-dança de Gene Kelly é de antologia) jamais se pode dizer que esses momentos constituam um *clou* mas tão só o desenvolvimento de um tema musical, ou de um convite à dança, lançado às 5.57 de uma manhã e ininterruptamente prosseguido até às 5.57 do dia seguinte.

E Frank Sinatra? Mais uma vez, contracenando com Gene Kelly (aliás, a última), mais uma vez lhe cabe o papel do marinheiro mais tímido. Gene Kelly fica com a portentosa Vera-Ellen (cartaz das estações do Metro); Frank Sinatra com a “chauffeuse” de táxi Betty Garrett. Gene Kelly com a “pequena boa” ou com “a boa pequena”; Frank Sinatra com a “ninfomaniaca” de cara esquisita e grandes dentes, que implacável e vorazmente a obrigava a passar do banco de trás para o banco da frente. “It’s Fate, Baby. It’s Fate”. E contra destinos desses nem Sinatra podia nada, sobretudo quando ela desata aos espirros, reflexo substitutivo que Sinatra tanto provocou em “partners” similares (lembram-se de **Guys and Dolls** e da fabulosa Vivian Blaine?). Como **Anchors Aweigh**, **On the Town** é dos tempos de Sinatra virgem, de olhos muito azuis e voz da cor da flor de laranjeira.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico